

## **O'CONNOR'S GOOD COUNTRY PEOPLE: UMA ANÁLISE DO INCONSCIENTE HUMANO**

Caroline Caputo Pires<sup>1</sup>  
Maria Cristina Pimentel Campos<sup>2</sup>

Flannery O'Connor, em *A Good Man is Hard to Find*, apresenta uma coletânea de nove histórias que retratam morte, sofrimento e perdão. A obra leva o leitor a refletir sobre questões religiosas, de julgamentos de valor e de morte ocasionada por violência social. O'Connor retrata os conflitos da sociedade contemporânea através da conduta de suas personagens, de como elas se relacionam e agem em um mesmo meio social. Entretanto, certas pessoas não se adaptam às regras impostas pela sociedade e se transformam em seres violentos, perturbados e grotescos.

Em *Good Country People*, O'Connor descreve sobre o relacionamento entre as pessoas e a comunidade e apresenta diferentes pontos de vista sobre a vida através das personagens: Mrs. Hopewell, sua filha Joy e Manley, um vendedor de bíblias. O leitor neste conto pode observar o relacionamento entre as personagens sob duas perspectivas: através de seus pensamentos e através da interpretação de seus atos. A falta de entendimento entre pais, filhos e sociedade é o tópico central do conto.

*Good Country People* conta a história de Mrs. Hopewell e sua filha Joy. A jovem mulher é inteligente e ativa e usa uma perna artificial por causa de um acidente ocorrido na infância. Mora com sua mãe no campo e, certo dia, recebe a visita de um rapaz que fora em sua casa vender bíblias. Manley diz ser cristão e muito religioso e que teve um acidente semelhante ao de Joy quando criança. Joy, por sua vez, o considera uma boa pessoa e aceita se encontrar com Manley. Ao saírem a passeio por um bosque nas redondezas, a moça é surpreendida pelas

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras da Universidade Federal de Viçosa e bolsista do PIBIC/CNPq

<sup>2</sup> Professora Adjunto do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa. Doutora em Letras – Literatura Comparada pela UFMG.

atitudes estranhas e violentas de Manley. Dizendo estar apaixonado por ela, pede-lhe como prova de amor que lhe entregue sua perna artificial. Joy acha desnecessário esta prova mas vê-se obrigada a atender o pedido. O rapaz, ao conseguir o intento, foge, deixando-a sozinha, sem condições de se locomover para retornar à casa.

Ora, Mrs. Hopewell é mãe dedicada, simples e boa, sempre preocupada com a filha. Entretanto, os comportamentos de mãe e filha são opostos. Joy ignora todos os conselhos que Mrs. Hopewell lhe dá, criando um relacionamento familiar conturbado e constrangedor, como a passagem a seguir ilustra:

Nada é perfeito. Este era uma dos dizeres favoritos de Mrs. Hopewell. Um outro era: isto é a vida. E ainda outro, o mais importante, era: cada pessoa tem sua opinião. Ela fazia esta afirmação, geralmente sentada à mesa, em um tom de insistente gentileza como se ninguém os fizesse, mas era somente a desajeitada Joy, que constantemente demonstrava suas insatisfações em seu rosto em relação aos dizeres da mãe. Fitava-a de lado, com seus olhos azuis gélidos, com o olhar de alguém que tivesse atingido a cegueira por um ato volátil e desejasse mantê-lo.<sup>3</sup>

Sentadas à mesa, Mrs. Hopewell faz julgamentos de valores, expressando seu pensamento e posicionamento face a vida e a sociedade. Em tom de “gentileza”, como a narradora afirma, permeado de ironia, Mrs. Hopewell utiliza-se de expressões costumeiras e insiste em demonstrar para Hulga sabedoria e superioridade. O’Connor faz uso de linguagem corporal para expressar a discordância da filha em relação à mãe. O olhar frio de Hulga revela, além de descontentamento, distanciamento em relação ao que pensa e ao que ouve. Ignora as palavras da mãe.

---

<sup>3</sup> O’CONNOR, Flannery. *A Good Man is Hard to Find and Other Stories*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, Publishers, 1983, p.169-170. Todas as outras referências a esta obra serão incluídas no texto, em parênteses. As traduções são nossas.

Joy parece ser, algumas vezes, uma jovem rebelde. Sente-se independente e quer demonstrar, a todo instante, sua maturidade. Contraria a mãe de várias formas, sendo uma a maneira como ela se veste e outra, a mais preocupante, a negação do seu nome de batismo, Joy. A jovem adota Hulga como seu novo nome, dizendo se sentir melhor desta forma. Ao repudiar seu nome de batismo, Hulga nega sua identidade, a escolha dos pais e as características inerentes ao nome. Cada nome carrega em si uma natureza própria que o identifica à pessoa.

Há várias leituras críticas em relação às atitudes rebeldes de Hulga. Suzanne Paulson, em “The Mystery of Personality and Society”, argumenta que a adaptação de Hulga a seu novo nome representa um meio de transformar sua vida. O nome adotado permite à jovem sentir-se mais forte e segura, visto que ela o associa ao deus romano do fogo, símbolo de mudança e de criatividade, embora a realidade de Hulga fosse contrastante à figura mítica.

A preferência de Joy pelo nome Hulga sugere, entretanto, mais do que rebeldia contra sua mãe. Sugere que ela sofre de um auto julgamento da dicotomia mente/corpo e necessidade/liberdade. Ao escolher seu novo nome, ela afirma sua liberdade na recriação do ser (seu maior ato criado). Ironicamente, ela imagina o nome funcionando como um vulcão em erupção.<sup>4</sup>

Além do mais, o comportamento de Hulga enfatiza a contraposição entre as duas mulheres e o desejo da filha em irritar a mãe. O relacionamento entre elas, quando prevalece atitudes de discordância, ressalta a divergência pessoal em relação a opiniões e julgamentos.

Nesse sentido, O'Connor enfatiza a ironia que atribui à expressão “good country people”, título do conto, que é reiterado no transcorrer da narrativa. Mrs. Hopewell, por sua vez, sempre perdoa as atitudes de Hulga por ela ter uma perna artificial. Como consequência deste

---

<sup>4</sup> PAULSON, Suzanne Marrow. *Flannery O'Connor: A Study of the Short Fiction*. Boston: Twayne, 1988, p.51.

sentimento de pena, Mrs. Hopewell trata Hulga como uma criança, com tolerância, “porque despedaçava seu coração pensar na forte moça trintona que nunca havia dançado um passo ou tivesse tido uma vida normal.” (O’Connor, p. 171). Percebe-se, na citação, que Mrs. Hopewell considera a filha anormal, por ser portadora de deficiência física, que a torna frágil, acarretando-lhe vida dura e amargurada. O sentimento materno se traduz em ansiedade mórbida, quando a mãe prevê morte prematura para a filha. Mrs. Hopewell se censura por não ter oferecido uma vida normal a Hulga. Todavia considera a filha mulher inteligente, constatada pela titulação, Ph.D. em filosofia. A angústia de Mrs. Hopewell resulta da não-aceitação da fatalidade que ocorrera com a filha. Atribui à deformidade física, o fato de Hulga, com trinta e quatro anos, ser ainda solteira. Sente-se perturbada com a situação que foge aos padrões sociais. Para ela, a filha deveria ser casada, ter filhos e levar vida normal.

A simplicidade e angústia da mãe são refletidas na maneira como ela se relaciona e vê os outros. Ao receber em sua casa um vendedor de bíblias, Manley Pointer, Mrs. Hopewell define-o como sendo boa pessoa pelo simples fato de ele aparentar bom comportamento e vender bíblias. Um vendedor de bíblias estaria propagando as palavras de Deus, o que o identifica como “good country people”, uma simples criação de Deus, “the salt of the earth”. A senhora não relaciona a venda do livro sagrado como sendo uma demanda do mundo material, necessidade de subsistência social, sem correlações com o íntimo da pessoa:

Ela disse que se lembrava de ter tido uma visita no dia anterior, um jovem vendedor de bíblias. Um “Lord”, ela disse, “ele entediou-me mas era sincero e generoso e eu não poderia ser rude com ele. Ele era um “good country people”, o sal da terra. (O’Connor, p. 182)

A passagem acima ilustra a maneira simplória da mãe perceber as situações mundanas. Apesar de não entender o comportamento da filha com o vendedor, Mrs. Hopewell, na esperança de ver sua filha casada, e sendo o rapaz um pretendente em potencial, considera o relacionamento positivo. Hulga, por sua vez, trata o moço de maneira gentil e carinhosa. A autora não explicita as expectativas de Mrs. Hopewell em relação ao encontro de Hulga e Manley, mas sugere, ser um ato de desafio e rebeldia da filha. Entretanto, para Mrs. Hopewell, esta é uma prazerosa situação, pelo desejo de ver a filha casada.

Manley é um jovem de dezenove anos que vende bíblias. Diz a Mrs. Hopewell que quer ser um missionário e ensinar as doutrinas de Jesus. Fisicamente, assemelha-se a Hulga, pois tem uma perna artificial, o que faz com que ela se sinta atraída por ele. Combinam sair juntos a passeio, o que leva a moça a sentir-se ansiosa. Por ser mais velha do que ele, Hulga pensa poder controlar o relacionamento. Em imaginação, antecipa o encontro, em que se vê sedutora, como ilustra a passagem a seguir: “Durante a noite ela imaginou tê-lo seduzido. Imaginou que os dois passearam até chegarem a um celeiro, e lá, ela imaginou, que as coisas aconteceram de forma que ela pacientemente o seduziu” (O’Connor, p. 185).

Como no sonho, beijam-se, mas Hulga é surpreendida pelas atitudes grosseiras de Manley, que exige da moça uma demonstração de amor, ordenando-lhe que tire a perna artificial e lhe entregue. Coagida com a situação adversa, apesar de tentar convencê-lo do contrário, submete-se à vontade do rapaz. Hulga sente-se desprotegida sem a perna, como a narradora explicita que “sem a perna ela sente-se inteiramente dependente dele” (O’Connor, p. 192). A moça suplica ao rapaz para que ele lhe devolva a prótese, mas ele não a atende. Tenta manter um diálogo com ele, na esperança de dissuadi-lo do intento, apelando para os ensinamentos bíblicos que ele pregava. São vãs as súplicas da moça.

Por outro lado, Manley diz a Hulga que havia premeditado o que faria com ela, sendo o mesmo que tem feito com outras pessoas. Manley tem o hábito de roubar próteses de pessoas deficientes, como ilustra a passagem abaixo:

Quando só se via sua cabeça, ele virou e a fitou com um olhar sem admiração. “Eu tenho muito interesse nestas coisas”, ele disse. “Certa vez eu consegui olhos de vidro. E você não precisa pensar que você irá me pegar porque Pointer não é meu verdadeiro nome. Eu uso diferentes nomes em cada casa que visito e não permaneço por muito tempo. (O’Connor, p. 194)

Percebe-se que Manley também rejeita sua identidade ao usar outros nomes. O rapaz não se aceita da forma como é. Incapaz de se adaptar ao meio em que vive devido aos sofrimentos vividos, torna-se sádico e vingativo devido aos sofrimentos vividos. Em consequência aos atos de Manley, Hulga se vê desamparada na floresta, impossibilitada de retornar à casa. As situações criadas por O’Connor chocam o leitor, que se sente também ameaçado pelos comportamentos grotescos das personagens, quando os limites entre o real e o imaginário se fundem. Para Shirley Foster:

“[...] nós reconhecemos que o vendedor é um impostor, e que estamos despreparados para as maldades de seus atos como o do roubo da perna; nós estamos despreparados, também, para a maneira como este evento frio e cômico faz de Hulga, não um absurdo mas uma figura que requer simpatia. [...]”<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> FOSTER, Shirley. *Flannery O’Connor’s Short Stories: The Assault on the Reader*. Journal of American Studies, 20, 2 (1986) 259 – 272, p. 270.

Evidenciando os atos grotescos de Manley, Foster argumenta que embora o comportamento violento do rapaz seja devido a sua mente perturbada, o leitor se surpreende com a maldade da personagem. Identifica com o texto a realidade da sociedade atual.

Vale ressaltar a escolha detalhada que O'Connor faz dos nomes de suas personagens, relacionando-as às personalidades que incorporam. A autora demonstra, assim, o estado psicológico da personagem. Hopewell, por exemplo, sugere as perspectivas otimistas que a senhora tem. Ironicamente Mrs. Hopewell não é capaz de discernir entre uma boa pessoa e um enganador. Na expectativa de ver a filha casada, motiva a moça a aceitar Manley. Entretanto, Manley não é um cavalheiro como seu nome sugere. Novamente, O'Connor enfatiza a idéia de divergência entre aparência e realidade.

Admitindo-se que o roubo da perna artificial de Hulga seja proveniente de trauma sofrido por Manley na infância, verifica-se a formação de hábitos grotescos como neurose obsessiva resultante de um processo psicológico. Algumas teorias analisam o inconsciente humano como principal responsável na conduta da mente perturbada. Assim, definem que para a compreensão do comportamento dos adultos é necessário ter-se como base os fatos da infância. Freud, em *O mal estar da civilização*, afirma que fatos passados podem ser preservados na mente ou no inconsciente das pessoas, o que pode refletir sobre seus traumas infantis e serem expressados por condutas estranhas, atos que não se adaptam com os moldes da sociedade.

Há casos em que partes do próprio corpo de uma pessoa, inclusive partes de sua própria vida mental – suas percepções, pensamentos e sentimentos –, lhe parecem estranhas e como não pertencentes a seu ego; há outros casos em que a pessoa atribui ao mundo externo coisas que claramente se originam em seu próprio ego e

que por este deveriam ser reconhecidas. Assim, até mesmo o sentimento de nosso próprio ego está sujeito a distúrbios.<sup>6</sup>

Analisando os atos grotescos de Manley, percebemos que ele atribui ao seu mundo externo aspectos que se originaram em seu inconsciente. Os traumas e sofrimentos que viveu na infância foram preservados em sua vida mental. Pessoas, como Manley, sofrem com a fragilidade de seus pensamentos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos entre os membros da família e da sociedade. Esforçam-se para obter felicidade. Objetivando serem felizes e viverem sentimentos prazerosos, visam à ausência de sofrimentos. Todavia, nem sempre é possível conciliar o que buscam com as normas regidas pela sociedade. Na impossibilidade de adaptação social, surgem distúrbios no inconsciente, que os transforma em seres agressivos e grotescos, portadores de deformidades físicas e mentais.

Considerando a realidade como inimiga e a origem de seus sofrimentos, as personagens de O'Connor não conseguem viver em harmonia com a realidade e tentam romper o relacionamento com as pessoas que as cercam. Ao construir um novo mundo, no qual seus sofrimentos, traumas e ansiedades são “eliminados”, buscam, nessa realidade construída, um caminho que as levem à felicidade. Porém, na maioria das vezes, não conseguem obter êxito em seus planos por estes se confrontarem com a realidade social. A falta de sintonia com a estrutura social acarreta em fracasso do ser que, ao se colocar à margem, por falta de adequação, torna-se grotesco, incapaz de reprimir seus desentendimentos com o mundo.

---

<sup>6</sup> SIGMUND, Freud. *Civilization and its Discontents*. New York: W. W. Norton & Company, 1961, p.23.